

ENTREVISTA/Jesus Vaz

'Vou decretar estado de calamidade'

ANDRÉ HEES



Vice-prefeito de Cariacica, Jesus Vaz disputa o Governo do Estado pelo PSD

e promete decretar estado de calamidade nos primeiros seis meses de administração, para obter recursos da União. Ele defende ainda realização de auditorias em todos os atos das administrações anteriores e diz que pretende governar "sem políticos", só com organizações como associações de moradores e entidades ligadas às igrejas. Comerciante, nascido em Piratini, no Rio Grande do Sul, Jesus tem 45 anos, é casado e tem dois filhos. Conta com o apoio da Frente Popular Comunitária, que reúne cinco partidos, todos pouco expressivos: PSD, PST, PRP, PTdoB e PRN.



Chico Guedes

A GAZETA - Quais seriam as primeiras providências do senhor no Governo?

JESUS VAZ - Decretar estado de

das as áreas não vai faltar tempo para governar?

- Não, muito pelo contrário. Vai me sobrar tempo porque a primeira

você vê tão pouca grade que fica até admirado. Mas se chegar na casa de um cidadão, vê tanta grade que parece uma prisão. A gente combate isso

ter que ser pedreiro, eletricista, pintor, servente, gari, tudo. Vou usar para recuperar áreas públicas, não só escolas. Só no final de semana. Eles vão ter duas folgas por semana. Quinta e sexta, por exemplo. Eles vão produzir aí. Sobre evasão, vamos fazer um levantamento e cadastrar as crianças que não estão na escola. Temos propostas também de criar agrovilas no Estado, que contarão com serviços de saúde, de segurança e educação. Elas terão habitação e esses três serviços. Queremos dar a condição para o cidadão que é oriundo da área rural e está nos aglomerados da grande cidade, nos morros, no manguê, de ter vida digna como teria no local de origem dele. Vamos dar incentivos para que esse cidadão volte às suas origens; esse cidadão que teve sua propriedade vendida para pagar dívida de banco, essas coisas. Queremos fazer uma reforma agrária com o retorno do homem à terra.

- Onde seriam essas agrovilas? Em que áreas elas funcionariam, em propriedade privada ou do Governo?

- Podemos criar as agrovilas em áreas desapropriadas. Podemos fazer isso com as famílias acampadas na beira da estrada. Não adianta o

- Se o senhor não quer trabalhar com político, como o senhor vai lidar com a Assembléia Legislativa, por exemplo? Como o senhor vai aprovar um projeto?

- Minha relação com a Assembléia será uma das melhores possíveis. Por quê? Eu não tenho restrição contra nenhum deputado e as obras que eu estiver fazendo na base de um deputado, através das associações dos moradores, com certeza ele vai se interessar um pouco mais pela associação de moradores e vai ajudar a associação durante o dia-a-dia. Hoje, eles só dão valor às associações, procuram o padre, o pastor, o eleitor, na época da eleição.

- Como o senhor vai conseguir recursos para financiar esses projetos? No momento, o Governo consome quase tudo com a folha. Como resolver a questão da arrecadação?

- Vamos arrecadar. É muito fácil. É só fazer quem deve pagar. Hoje, tem "n" empresários que não pagam nada para o Estado e são eles que estão afundando o Estado.

- Mas o Governo já não está na Justiça para cobrar essas dívidas e não consegue receber?

- Eles querem fazer essa Justiça a

reúne cinco partidos, todos pouco expressivos: PSD, PST, PRP, PTdoB e PRN.

A GAZETA – Quais seriam as primeiras providências do senhor no Governo?

JESUS VAZ – Decretar estado de calamidade nos primeiros 180 dias, para fazer uma avaliação da situação financeira do Estado, e buscar uma auditoria reforçada em todas as áreas do Governo, para saber quanto o Estado deve e quanto tem para receber.

– Para isso precisa decretar estado de calamidade?

– O Estado hoje está numa situação de fome, de miséria, de seca, de perdas na área da Agricultura, o café, a cana-de-açúcar, a banana, etc. Precisamos crescer. Se continuar assim, daqui a pouco vamos ter que importar alimentos de outros estados.

– Mas qual a vantagem de decretar estado de calamidade?

– O Governo Federal vai usar recursos sociais para ajudar o Espírito Santo. O Estado está contraindo empréstimo sobre empréstimo e não foi feita uma avaliação para saber se o Estado tem condições de pagar. O que tem acontecido nos últimos anos é que o Espírito Santo tem se afundado num buraco negro que não se sabe o tamanho dele. Como pagar isso? Faremos também levantamentos nas empresas. A Terceira Ponte, por exemplo, não se sabe se está paga, se está sobrando dinheiro. No meu Governo vou fazer auditoria geral em todas as áreas.

– Se for fazer auditoria em to-

das as áreas não vai faltar tempo para governar?

– Não, muito pelo contrário. Vai me sobrar tempo porque a primeira coisa que vou conseguir com isso é colocar a folha em dia, uma das pragas do Estado, a praga que assola o servidor público, o comércio de um modo geral, o desenvolvimento do Espírito Santo. Quando o Governo estadual não paga, as prefeituras também não pagam e o povo fica à mercê da sorte. Hoje, a situação é de calamidade pública.

– Como o senhor vai conseguir recursos para colocar a folha de pagamento em dia?

– É fácil. Olha bem: é só Jesus Vaz não se comprometer com empresário como outros governos têm se comprometido. Jesus Vaz vai colocar fiscalização para o Estado receber o que tem para receber. Coloco a folha em dia em 60 dias. Não devo nada a ninguém. Pago tudo porque não quero saber de afilhados. Não sou padrinho de ninguém e vou pagar a quem o Estado deve.

– Na Segurança Pública, o que o senhor sugere para diminuir a criminalidade?

– A sem-vergonhice está tão grande que ninguém respeita mais ninguém. É preciso alguém erguer a voz e o braço firme e tomar uma providência. Temos infiltração de bandidos de vários estados que vêm para cá porque encontram facilidades. Para roubar, é só intimidar. O povo está com medo. Na penitenciária,

você vê tão pouca grade que fica até admirado. Mas se chegar na casa de um cidadão, vê tanta grade que parece uma prisão. A gente combate isso com polícia na rua. Polícia não tem que estar aquartelada. Não tem que estar na porta de banco dando guarida para banqueiro. Segurança tem que estar na rua, dando segurança para a população. Polícia Militar nas portas de banco, não. Tem que estar no meio do cidadão. Banco tem sua segurança particular, também. Polícia tem que estar mais na comunidade. O povo vai ter respeito pela minha polícia e ela vai respeitar a sociedade. Agora, o bandido, não. Vai ter que trabalhar. O tanto de bandido que tem preso, se estivessem trabalhando e se recuperando, hoje o Estado não estaria na situação em que se encontra. O que quero saber é o seguinte: por que não existe um Senai ou um Senac nas prisões para fazer eles trabalharem? Acho um absurdo o Estado gastar R\$ 580,00 com um preso por mês para ele não fazer nada, enquanto o coitado do trabalhador ganha R\$ 130,00, se quiser. Onde está o Governo Federal e estadual que não recuperam esses homens? Estamos com as estradas cheias de mato, e ninguém coloca os presos para limpar estrada, para pintar meio-fio, pintar as faixas.

– Na educação, qual o principal problema do Estado?

– Temos que recuperar imediatamente todos os prédios. Nos finais de semana vamos usar os presos para recuperar. O preso, comigo, vai

– Podemos criar as agrovilas em áreas desapropriadas. Podemos fazer isso com as famílias acampadas na beira da estrada. Não adianta o homem ficar à margem da estrada, como está aí. Ninguém pode progredir na margem da BR ou debaixo de um barraco. Eu já morei no morro, na palafita, sei como funciona. A função do Governo é olhar para o povo e isso não tem sido feito. Sou um cara pobre, vim da agricultura, e se sou candidato é porque tenho o lado social dentro de mim. O administrador tem que ter o princípio da solidariedade. Minha grande meta é o lado social.

– O atendimento nas unidades de saúde, em geral, é precário. Que medidas o senhor adotaria para melhorá-lo?

– Medida emergencial já está decretada: já começou o Governo e já estou governando. Agora, precisa os políticos de base encararem essa realidade. O Governo faz tudo, entrega tudo, e os políticos de base, os vereadores e os prefeitos, não fazem nada. No meu Governo, não tenho compromisso com nenhum prefeito nem quero ter. Não tenho compromisso com nenhum presidente de Câmara e nem quero ter. No meu Governo, vou mandar verba direto para entidades. Quero descentralizar mas não com político. Vou mandar dinheiro para as igrejas, católicas, evangélicas, para eles fazerem obras sociais. Vou mandar dinheiro para associações de moradores e mandar fiscalizar. Político comigo não vai ter colher de chá.

– Mas o Governo já não está na Justiça para cobrar essas dívidas e não consegue receber?

– Eles querem fazer essa Justiça a longo prazo e não é por aí não. Você tem é que oferecer um incentivo e um acordo de imediato para botar dinheiro no caixa. Comércio é isso, administrar é isso. Não adianta ter dívida de um bilhão para receber em 30 anos. Então tem que negociar. É quanto para receber agora? São 30, 40? Porque os caras ficam protelando na Justiça e nunca pagam nada. Tem que botar dinheiro para dentro.

– Como seria a relação do senhor com o Governo Federal?

– Se for Fernando Henrique, excelente. O PSD em nível nacional está apoiando Fernando Henrique. Minha relação com o Governo Federal é melhor hoje do que a de Vitor Buaiç. E Lula, por que não? Eu até gosto do Lula. Ele é peão como eu fui. Trabalhamos na grande ABC. Ele era torneiro mecânico e eu era mecânico ajustador. Com Lula e Brizola é bom e com FHC é bom. Tenho um relacionamento aberto com todos eles e conheço todos eles.

– O senhor já teve contato pessoal com o presidente e com o Lula?

– Não, não tive contato com nenhum deles. Já os conheço de outras campanhas, de outras eras. O que quero dizer é que eles não vão ter qualquer restrição contra mim, assim como eu não tenho contra eles. É terrível um governador se eleger e ter uma relação ruim com o Governo Federal.